



“QUEM SOLTOU O *PUM*?”
NOÇÕES MATEMÁTICAS EM UMA HISTÓRIA QUE SAIU DA CAIXA

Amanda Assis¹
Viviane Barros Maciel²

¹Universidade Federal de Jataí/ amanda.assis@discente.ufj.edu.br

²Universidade Federal de Jataí/vivianemaciel@ufj.edu.br

Resumo:

Este texto tem por objetivo identificar noções matemáticas que podem ser ensinadas, a partir da história infantil *Quem soltou o Pum?*, utilizando como recurso didático as caixas que “contam histórias”. Foram mobilizados referenciais teórico-metodológicos que defendem o uso da literatura infantil e dessas caixas como uma importante ferramenta para ensinar matemática. De acordo com os referenciais, as caixas são capazes de despertar a ludicidade e o imaginário das crianças e, ao mesmo tempo, explorar conceitos matemáticos de um modo interdisciplinar. A proposta de elaboração desta atividade foi apresentada na aula de Fundamentos e Metodologia de Matemática I, no curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Jataí. A partir dela, escolheu-se para a atividade a história infantil *Quem soltou o Pum?*, escrita por Blandina Franco e José Carlos Lollo. Dentre os principais resultados, verificou-se que a história contada e problematizada pode favorecer a observação, o registro e a ampliação do vocabulário da criança. Diversas possibilidades puderam ser identificadas no ensino de noções matemáticas: dentro e fora, grande e pequeno, em cima e debaixo, entre outras. A história toca em questões como respeito, educação e senso crítico. A proposta pode se adequar tanto ao ensino presencial, quanto ao ensino remoto.

Palavras-chave: Histórias infantis. Matemática e Literatura infantil. História na caixa.

Introdução

Entre as necessidades apresentadas por docentes que ensinam matemática, a busca por novas metodologias tem sido algo recorrente. Isto ganhou acento especialmente com a demanda de aulas na modalidade remota de ensino em meio à crise pandêmica da COVID-19. No entanto, conhecer metodologias não é suficiente para caracterizar o profissional da docência. Há um conjunto de saberes necessários à constituição desse profissional que atua, ou que vai atuar nos anos iniciais. Além de “como” e de “o quê” ensinar, o docente deve atentar-se para outras questões: como conhecer o aluno, como saber previamente sobre seus conhecimentos, em que sociedade e contexto ele está inserido (e se este se insere nela completamente), quais os modos de organizar a aula (ou sua *live*), quais métodos têm um maior alcance para ensinar determinado tema, qual noção ou conceito a ser ensinado, entre outras.

Quando se fala em ensino remoto devem ser consideradas as condições do discente para ter

acesso às aulas, o acompanhamento que este pode ter ou não, durante a aula. No caso da matemática escolar no ensino remoto, para atender às crianças, cumpre pensar na compreensão dos processos de aprendizagem das mesmas, no conhecimento das formas de percepções matemáticas destas na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, de modo a tornar o ensino de Matemática mais lúdico, criativo, provocativo, divertido e favorecer o desenvolvimento social, intelectual e emocional do aluno. Enfim, ser um profissional da docência requer saberes multiformes.

Por certo, para muitos professores, a formação inicial pode ser a única chance de experimentar, discutir, pesquisar, debater e estudar todas estas ressonâncias da constituição da identidade docente.

Assim, na disciplina de Fundamentos de Metodologia de Matemática I, no semestre letivo de 2020-1, foi proposta uma atividade, inspirada na tese de doutorado de Priscila Domingues de Azevedo, *O conhecimento matemático na educação infantil: o movimento de um grupo de professoras em processo de formação continuada*, publicada em 2013. Em uma das aulas que versava sobre a Matemática presente em jogos e brincadeiras. Nesta aula, uma história infantil deveria ser escolhida por cada discente, que a contaria por meio da caixa, enfatizando noções matemáticas inseridas nela e problematizando outras.

Dessa maneira, este texto será norteado pela seguinte questão: que noções matemáticas podem ser exploradas e problematizadas, a partir da análise da história *Quem Soltou o Pum?* (FRANCO; LOLLO, 2010), utilizando como recurso didático uma caixa que “conta história”, na perspectiva da Resolução de Problemas?

Utiliza-se como aporte teórico autores que defendem a problematização como metodologia como Domite (2009) e Mengali e Naracarato (2012). A problematização junto à contação de histórias torna-se uma importante ferramenta de trabalho docente.

Este texto será dividido em três momentos. No primeiro, serão abordados os referenciais teórico e metodológicos que defendem a importância da problematização em sala de aula, transformadora do cenário de práticas pedagógicas. No segundo momento, serão identificadas pesquisas que tratam do tema e principais resultados apresentados pelos autores. No terceiro momento, será apresentado um exemplo de como a problematização junto à contação da história *Quem soltou o Pum?*, pode contribuir com o ensino e a aprendizagem de noções matemáticas na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste último momento, serão

realizados um breve resumo dessa história e a análise de noções matemática exploradas no texto e possíveis problematizações, a partir do desenvolvimento da atividade, realizada pela discente, em uma das aulas da disciplina ministrada no curso de Pedagogia.

Referenciais teóricos e metodológicos

Este estudo é de cunho qualitativo partindo de observações de uma experiência vivenciada em uma aula da disciplina Fundamentos e Metodologia da Matemática II, na Universidade Federal de Jataí, na turma do 3º período, matutino e noturno, no ensino remoto, durante o período pandêmico. Dos trabalhos realizados na disciplina, a autora deste trabalho irá divulgar neste artigo o que foi desenvolvido por ela. A atividade proposta na disciplina teve a intenção de explorar a problematização por meio da contação de histórias infantis. Segundo Mengali e Nacarato (2012), “experienciar práticas problematizadoras durante a graduação pode contribuir para que as alunas rompam com crenças negativas em relação ao ensino e à aprendizagem de matemática, possibilitando-lhes um novo olhar para essa disciplina escolar” (p. 85-86).

Para o entendimento de práticas problematizadoras, este texto se referencia em Domite (2009). A autora define as ações de *perguntar*, *problematizar* e *formular problemas* como similares. De acordo com ela, “*Perguntar*, no caso, é *problema*, ou seja é algo que perturba e desafia um possível resolvidor ou resolvidora: ele ou ela sente necessidade de responder a algo e a resposta não é óbvia”; “*Problematização*, por sua vez, é um processo no qual perguntas e respostas, não imediatamente claras, vão se construindo porque há uma tensão fértil, uma motivação que impulsiona para a formulação de uma *pergunta mais bem delineada*”. A *problematização*, segundo a autora é “*um caminho composto de formas de comunicação – implica uma força crescente; ela se realimenta nos próprios processos argumentativos por meio dos quais se realiza*” (DOMITE, 2009, p. 25-26, grifos da autora).

Assim, é necessário que graduandos experienciem na formação inicial práticas problematizadoras para que saibam explorar a problematização na sala de aula dos anos iniciais, conforme defendem Mengali e Nacarato (2012, p. 88). No entanto, como pensar em uma prática formativa nesta perspectiva? Apesar de existir diversas tendências metodológicas, escolheu-se a Literatura Infantil, utilizando como recurso didático, as caixas que “contam histórias infantis”. De acordo com Smole, Diniz e Cândido (2000), as histórias infantis têm uma grande importância no desenvolvimento da imaginação, na formação dos afetos, na exploração de

habilidades das crianças e, conforme estas vão crescendo, as histórias podem assumir diversos papéis no seu processo de aprendizagem. Neste âmbito, a contação de histórias pode objetivar diversas finalidades, com foco tanto na aprendizagem da criança, no desenvolvimento do raciocínio lógico e a competitividade, na exploração da imaginação e em diversas percepções matemáticas, quanto no ensino. Por exemplo, o professor, ao fazer uso da contação, poderá explorar atividades lúdicas, propor problemas, para ampliar elementos das histórias que possam contribuir para o ensino de determinado tema. Não se pode negar que de, certa forma, a criança chega à educação infantil com o imaginário repleto de ideias e inocência e, neste momento a professora precisa prestar bastante atenção ao começar ensinar, pois, dependendo da maneira como isso for realizado, a criança poderá enfrentar grandes dificuldades nas séries seguintes, principalmente na matemática, que requer uma base sólida para o que virá depois.

O professor pode combinar com seus alunos uma “hora do conto”, que pode ser motivada pelo uso da “Caixa que conta histórias”. De acordo com Azevedo (2013), esta forma de contar histórias apresenta-se como uma possibilidade didático-metodológica que pode envolver as crianças e estimular as capacidades mentais que serão essenciais ao desenvolvimento delas, como a memória, a percepção, o pensamento, a imaginação, a emoção e a atenção.

Histórias infantis que já saíram da caixa e a ideia da proposta de “Quem soltou o Pum?”

Na tese de doutorado de Azevedo (2013), a autora analisou as diferentes formas de conectar a literatura infantil ao ensino da matemática, mais precisamente com caixas de contação de história. Na pesquisa desta autora, foi sugerido aos professores que escolhessem histórias que abordassem noções de matemática e, a partir disso, que elaborassem as caixas de contação. Foram exploradas as seguintes “histórias que saem das caixas”:

a) *As centopeias e seus sapatinhos*, de Milton Camargo. Para essa história, a pesquisadora confeccionou uma caixa para exemplificar para as professoras envolvidas na pesquisa, as quais conseguiram explorar diferentes vertentes da matemática como: o que precisa para comprar um sapato? Existem muitas pessoas que calçam o mesmo número? No decorrer da exposição da caixa, todas tentaram elencar conceitos matemáticos que poderiam ser envolvidos com a história contada;

b) *O lobo e os sete cabritinhos*, dos autores Wilhelm Grimm e Jacob Grimm. Para essa história, as professoras criaram uma caixa em que seria possível utilizar as quantidades de cabritinhos. Assim, a partir de então, exploraram noções de subtração. A forma como foram

confeccionados os cabritinhos facilitou para as crianças identificarem a unidade, podendo entender a noção de primeiro, segundo, terceiro e sucessivamente. Nesta fase de ensino, as crianças estão diretamente ligadas ao concreto, para poder assim relacioná-lo aos números e chegar a um resultado sem medo de errar;

c) *Cachinhos de ouro e os três ursos*, do autor John Malam. Para essa história, as professoras criaram uma caixa, contendo peças da casa dos ursos, citadas no decorrer da história, e, portanto, conseguiram explorar noções diferentes das da história anterior. Nesse caso, com base na observação e na comparação dos objetos citados na contação, ao mostrar às crianças que existem variações de tamanho de um mesmo objeto, foram desenvolvidas noções de grande, pequeno, maior, menor e do meio.

Observa-se que o docente, ao compartilhar a colaboração conjunta na fabricação das caixas e ao elaborar conhecimentos abordados na história, também se beneficia, pois absorve mais conhecimentos. Algumas professoras da pesquisa de Azevedo (2013) apontaram que contar uma história de forma livre e com apetrechos oriundos da caixa pode desencadear situações, nas quais favorecem aos pequenos estabelecer ligações cognitivas, entre o real e imaginário, encorajando-as a compreender noções matemáticas.

Motivado por este estudo, partiu-se para buscar uma história, que não fosse apenas interessante, mas que permitisse explorar noções matemáticas, conforme propõe Lorenzato (2006).

De acordo com este autor, as noções matemáticas podem ser divididas em três eixos, sendo eles, *numérico*, que entra em um universo de contagem e quantidades; *espacial*, que engloba as formas e suas posições; e, por fim, mas não menos importante, as *medidas*, que retratam os diferentes tipos de medidas e criam uma integração de conceitos aritméticos com os geométricos, podendo ponderar as seguintes noções: grande/pequeno, maior/menor, curto/comprido, dentro/fora, alto/baixo e entre outros (LORENZATO, 2006, p.24). Todas essas noções devem ser explanadas e questionadas de forma clara, para facilitar a percepção do que cada uma significa. Isso demanda estudo dos professores, para que eles possam ter controle sobre o que irão ensinar, para que eles passem confiança ao explicar, levando a criança a absorver melhor o conteúdo discutido.

Seguindo essa ideia, foi escolhida a história *Quem soltou o Pum?*, escrita por Blandina Franco e ilustrada por José Carlos Lollo, publicada no ano de 2010. Essa história gira em torno das confusões provocadas pelo personagem principal, o cachorro chamado “Pum”, sempre que ele

era solto por seu melhor amigo, um garoto. Várias vezes o menino foi alertado por seus pais sobre os problemas de ele soltar o Pum em certos lugares ou em algumas ocasiões.

A história já foi objeto de outros trabalhos como de Souza (2016) ou Peres, Naves e Borges (2018), por exemplo. Estas buscaram “analisar a contação de histórias e a interação entre professora e crianças com ênfase na utilização dos recursos simbólicos” (PERES, NAVES, BORGES, 2018, p. 151); enquanto aquela, propôs “uma distinção entre o contar e o dizer” sugerindo “um trabalho prático com relação à estrutura do texto narrativo e algumas estratégias de leitura” (SOUZA, 2016, p.43). Nas duas propostas, as autoras fazem uso da contação de história.

Segundo Souza (2016), a leitura da história é diferente da contação, “a oralização e/ou contação requerem do mediador um preparo prévio, desde a escolha da história (levando em consideração a faixa etária do ouvinte e o número de crianças que participarão da atividade), bem como a técnica utilizada para narrar o texto” (SOUZA, 2016, p.51). Esta autora faz uso da caixa como recurso didático, segundo ela,

Antes da contação, o professor ou bibliotecário, na condição de mediador, deve estudar e memorizar os fatos e elementos centrais da narrativa para que, naturalmente, as travessuras feitas por Pum sejam contadas ação por ação. O papel do contador, nesse momento, é apresentar os acontecimentos da história movendo a caixa, garantindo a devida sintonia entre a história contada e o movimentar da caixa; assim, o pequeno ouvinte tem a oportunidade de observar (mediante os apelos sensoriais, aguçando, por exemplo, sua percepção visual) os diferentes acontecimentos em cada um dos ambientes em que a narrativa se concretiza (SOUZA, 2016, p.53).

Escolhida a história, partiu-se para a construção da caixa. É possível confeccionar uma “Caixa de Histórias” a partir de materiais reciclados: uma caixa de sapatos embalada por papel ou feltro, contendo nela objetos, fantoches e imagens que estejam presentes na história que será contada. Além dessa ideia, a professora poderá fazer também uma nova abordagem, valendo-se das próprias histórias criadas pelas crianças, e até mesmo das cantigas para as atividades cantadas com o uso da caixa. Enfim, dentro de uma caixa de histórias cabem a imaginação, a criação, a reciclagem, as palavras registradas nas histórias das crianças, as quais permitem a interposição e a criação de mediações pedagógicas importantes à educação matemática, potencializadas por este mundo de fantasia e imaginação, difundido, principalmente, na primeira infância.

Para a caixa que foi construída na disciplina de Fundamentos e Metodologias de Matemática I, foi necessária uma caixa de papelão, aproximadamente de 40cm³, E.V.A colorido (diversas

cores) ou outros materiais e papéis coloridos para ilustrar a caixa, canetinhas, régua, pistola de cola quente (e alguns tubos), palitos de churrasco (para colocar os moldes dos personagens).

A ideia era acrescentar na caixa tudo que fosse marcante na história (Figura 1). Assim, foram escolhidos, para a confecção, os seguintes elementos: a tampa da caixa, representando a capa do livro (o mais semelhante possível); os principais personagens da história (o cachorrinho Pum, a síndica do prédio, o pai do dono do Pum, o dono do Pum, o bebê, a tia Clotilde e o vizinho); os ambientes explorados na história (narrados ou mesmo ilustrados nela), que foram representados cada um em cada lateral da caixa, para que, na hora da contação, a professora conseguisse mostrá-los e também para que os alunos pudessem imaginar esses ambientes, quando ouvissem a história.

A construção de uma caixa deve ter o cuidado de contemplar o ensino de alunos surdos, desde que o professor possa contar com a ajuda do intérprete na hora de contar. As imagens e as personagens que vão saindo da caixa ajudam o aluno com surdez na interpretação da história. No caso de um aluno cego, este deve assentar-se próximo à caixa e do professor, para que todos os objetos, inclusive a caixa, possam ser manipulados pelo aluno. Apesar de a construção da caixa para a atividade da disciplina (Figura 1) não ter tido esta preocupação, cabe reiterar que o futuro professor deve criar uma caixa inclusiva, pois, mesmo que ele não tenha alunos com algum tipo de deficiência naquele ano, a caixa é um material que poderá ser usado mais de uma vez, e em outras turmas.

A Importância da Educação e da Ciência em Tempos de Crise

21 a 23 de junho de 2021



A Importância da Educação e da Ciência em Tempos de Crise

21 a 23 de junho de 2021





Figura 1: a) Personagens para contar a história (em cima à esquerda) / b) Tampa da caixa com o título “Quem soltou o Pum?” (em cima, à esquerda)/ c) (no centro, à esquerda) Exterior da casa (lado 1) /d) (no centro, à direita) Exterior do prédio (lado2)/e) (embaixo, à esquerda)Interior da casa (lado 3) / f) (embaixo, à direita) Quarto da criança (lado 4). Fonte: Arquivo da autora.

Na Figura 1, observa-se que tanto os personagens, quanto os seus apoios foram confeccionados com E.V.A (Figura 1, a) para facilitar a movimentação na hora da contação; ao lado vê-se a tampa da caixa que conta com o próprio desenho da capa do livro (Figura 1, b). Na Figura 1(c e d) e 1(e e f), nota-se a construção dos ambientes que estão presentes na história: a casa, o prédio, o quarto, e o ambiente em que foi realizada a festa da família, respectivamente. Mas como esta caixa com esta história pode contribuir para o ensino de noções matemáticas? Quais problematizações podem ser realizadas a partir dela?

Noções matemáticas em *Quem soltou o Pum?* com o uso das caixas que contam histórias

Na análise da história foram apontadas as possibilidades de ensino de algumas noções matemáticas. De acordo com Lorenzato (2006, p. 24), “as noções devem ser introduzidas ou revisadas verbalmente e por meio de diferentes situações, materiais manipuláveis, desenhos, histórias ou pessoas”.

Em assim sendo, foram escolhidos alguns trechos para mostrar como a exploração e problematização da história pode ser realizada.

O narrador da história é o garotinho, dono do cãozinho, que atende pelo nome “Pum”. O autor assim inicia a história: “Meu melhor amigo é o Pum” (FRANCO; LOLLO, 2010, p.4) e, na sequência, “Nada me deixa mais feliz do que soltar o Pum” (*Ibidem*, p. 6). Somente com a ilustração é possível perceber que o seu melhor amigo é o cãozinho.



Figura 2. Ilustração do cãozinho, Pum
Fonte: *Quem soltou o Pum?* (FRANCO; LOLLO, 2010, p. 7)

As ilustrações da história favorecem a exploração espacial, uma vez que Pum caminha por vários espaços da casa, pela lavanderia (Figura 2), pelo jardim, pelo quarto de seu dono, pela sala, pela cozinha etc. O professor pode realizar perguntas sobre os diferentes espaços da casa que são ou não permitidos ao cãozinho Pum. No quarto, o dono de Pum teve uma experiência importante, quando diz: “Até que eu tive uma ideia genial! Era de noite e eu estava deitado na minha cama. Então soltei o Pum *debaixo* do meu lençol. Isso minha mãe nunca descobriu.”. Neste caso, o professor pode levantar algumas problematizações: onde o menino soltou o Pum?

Por que ele o colocou debaixo do lençol? Em cima ou debaixo? A mãe dele sabia? Por que ela nunca descobriu? O que iria acontecer com o Pum se ela descobrisse e com o dono do Pum? Questões como essas instigam as crianças a propor algumas soluções, fantasiosas ou mesmo reais.

De acordo com Lorenzato, independentemente das noções como dentro/fora, grande/pequeno, maior/menor, perto/longe/ muito/pouco, alto/baixo, aberto/fechado, dia/noite etc. e do campo a que pertencem (espaço, número ou medida), estas terão sempre uma relação com os conceitos físico-matemáticos “tamanho, lugar, distância, forma, quantidade, número, capacidade, tempo, posição, medição, operação, direção, volume, comprimento e massa” (LORENZATO, 2006, p.25).

Ao contar a história, o professor pode valer-se de sua criatividade. Pode levar um lençol para encenar, colocando Pum (cachorrinho de pelúcia, por exemplo) debaixo do lençol. Para esta atividade, os personagens foram construídos com EVA e palitos. O Pum pode ser feito de material reciclável, que será apresentado à criança no momento da contação. O professor pode substituir o cachorrinho, quando for contar de novo, e explorar, em vez do quarto do dono do Pum, outro cenário e outras noções. Não precisa explorar todas de uma só vez. Por exemplo, no trecho da história que diz: “Ainda bem que depois a gente se mudou pra uma casa *grande*, com jardim florido *maior ainda*. aí era uma festa... eu soltava o Pum no quintal e ele não incomodava ninguém”.

No trecho “A casa grande e o jardim maior ainda”, tem-se a noção de comparação que, de acordo com Lorenzato (2006), “trata-se do ato de estabelecer diferenças ou semelhanças”. O professor pode questionar a criança, por exemplo, quem é maior se a casa ou o jardim. O professor pode verificar se a criança sabe o que é um jardim, se na casa dele há algum e como era o jardim da casa em que o Pum vivia. A partir daí, o professor pode mostrar imagens de vários jardins. Depois poderá solicitar que as crianças façam desenhos, registrando o Pum correndo e brincando pelo jardim florido. Ao imaginar e desenhar o jardim explora-se a noção espacial da criança.

Outra noção que fica bastante evidente no livro é a noção de *dentro* e *fora*. No decorrer da história, Pum e o seu dono encontram grandes dificuldades para encontrar um lugar para brincar, assim a criança pode verificar os momentos em que o Pum vai para fora ou para dentro de casa, buscando divertir-se.

Na interação com os personagens e com os ambientes da história, o professor também pode explorar a sequenciação, que, junto com comparação, correspondência, seriação, inclusão e conservação, constitui, segundo Lorenzato (2006), os sete processos mentais básicos para a aprendizagem da criança.

A proposta da problematização com histórias infantis pode ser explorada tanto no ensino presencial, quanto no ensino remoto. No ensino remoto, o professor pode gravar um vídeo da contação. De acordo com Borba e Penteadó (2003), muito embora a informática possa ser uma grande aliada para o ensino da matemática, há de haver programas e incentivos para orientar e possibilitar o uso das tecnologias. No entanto, o Brasil é um país bem amplo, com realidades muito diferentes e nem sempre é possível, nem viável utilizar os mesmos métodos de ensino e a tecnologia em todos os níveis educacionais.

Considerações finais

Em tempos de crise, cabe (re)inventar maneiras que contemplem formas diferentes de ensinar temas matemáticos. Uma delas pode ser o da problematização ao contar histórias por meio da caixa de contação, de forma que contemple as diversidades e as pluralidades de ensino e de alunos numa sala de aula. A caixa pode ser usada tanto no ensino remoto, quanto no presencial e deve atender a todos os alunos, mesmo aqueles com algum tipo de deficiência, motora, cognitiva, auditiva, visual entre outras.

A criatividade e a *performance* do professor para contar história podem fazer toda a diferença! O incentivo de coordenadores na construção de materiais coletivos da escola aumenta a responsabilidade e o cuidado de todos no seu manuseio e na sua utilização.

A história *Quem soltou o Pum?*, além de contribuir para o ensino de noções matemáticas (dentro e fora, grande e pequeno, em cima e debaixo etc.) e para os processos mentais básicos para a aprendizagem da matemática (comparação, sequenciação, inclusão entre outros), pode ensinar sobre o respeito ao próximo e aos animais, problematizando que o melhor lugar para o cãozinho de estimação vai variar, conforme o espaço que ele tem disponível e as ocasiões. O professor também pode questionar o soltar “pum” (apelido que geralmente adultos e crianças dão aos gases intestinais) em locais públicos ou fechados, deixando as crianças explorem suas experiências e pontos de vistas até chegar a algum consenso, o que pode ou não, as noções de respeito.

Assim como esta história, o professor pode explorar muitas outras, mas, para isso, cabe estudá-la para verificar quais noções matemáticas podem ser exploradas e quais possíveis problematizações podem ser levantadas, a partir da história infantil escolhida e, então, criar uma caixa.

Referências

- AZEVEDO, P. D. *O conhecimento matemático na educação infantil: o movimento de um grupo de professoras em processo de formação continuada*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2013.
- BORBA, M. C.; PENTEADO, M. G. *Informática e educação matemática*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DOMITE, M. C. S. Formulação de problemas em Educação Matemática: a quem compete. *Movimento* – Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, n.14, p. 24-37, Niterói.
- FRANCO, B; LOLLO, J. C. *Quem soltou o Pum?* 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LORENZATO, S.. *Educação Infantil e percepção matemática*. 1. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2006. (Coleção Formação de Professores).
- MENGALI, B. L. S. M.; NACARATO, A. M. *A problematização na formação docente possibilitando a problematização na sala de aula da Educação Infantil: a análise de um caso de ensino*. In: Carvalho, M. C.; Bairral, M. A. *Matemática e Educação Infantil: Investigação e possibilidades de práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- PERES, S. G., NAVES, R. M., BORGES, F. T. Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP., v. 22, n.1, p.151-161, jan-abr, 2018.
- SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I.; CÂNDIDO, P. T.. *Resolução de problemas*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SOUZA, R. J. Literatura infantil e primeira infância: políticas e práticas de leitura. *FronteiraZ - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP*, n.17, dez., 2016.